

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

TAIANA MEDEIROS SANTOS

**O FAZER EM CINEMA E EDUCAÇÃO - A POSSIBILIDADE DA CRIAÇÃO
AUDIOVISUAL PELA PEDAGOGIA DOS DISPOSITIVOS, ATRAVÉS DO
DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS EDUCACIONAIS**

Niterói
2022

TAIANA MEDEIROS SANTOS

**O FAZER EM CINEMA E EDUCAÇÃO - A POSSIBILIDADE DA CRIAÇÃO
AUDIOVISUAL PELA PEDAGOGIA DOS DISPOSITIVOS, ATRAVÉS DO
DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS EDUCACIONAIS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Bacharelado
em Produção Cultural, como requisito
parcial para conclusão do curso.

Orientadora:
Prof.^a Dr. Maria Teresa Mattos de Moraes

Niterói
2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

8237f Santos, Taiana Medeiros
O FAZER EM CINEMA E EDUCAÇÃO : A POSSIBILIDADE DA CRIAÇÃO
AUDIOVISUAL PELA PEDAGOGIA DOS DISPOSITIVOS, ATRAVÉS DO
DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS EDUCACIONAIS / Taiana Medeiros
Santos ; Maria Teresa Mattos de Moraes, orientadora. Niterói,
2022.
49 p. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção
Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e
Comunicação Social, Niterói, 2022.

1. Cinema na escola. 2. Cinema na educação. 3. Produção
intelectual. I. Moraes, Maria Teresa Mattos de, orientadora.
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. III. Título.

CDD -



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO
CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao primeiro dia do mês de agosto de 2022, às nove horas, realizou-se de forma remota (online), excepcionalmente, em conformidade com a Decisão Nº. 100/2020 de 21/05/2020, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense, a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado “O FAZER EM CINEMA E EDUCAÇÃO - A POSSIBILIDADE DA CRIAÇÃO AUDIOVISUAL PELA PEDAGOGIA DOS DISPOSITIVOS, ATRAVÉS DO DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS EDUCACIONAIS” apresentado por **TAIANA MEDEIROS SANTOS**, matrícula **116033007**, sob orientação do(a) Prof(a). Dr^a. Maria Teresa Mattos de Moraes.

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

- 1º Membro (Orientador(a)/Presidente): Dr^a. Maria Teresa Mattos de Moraes
- 2º Membro: Dr. Alexandre Silva Guerreiro
- 3º Membro: Dr. Luiz Garcia Vieira Junior

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

10,0 (dez)

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Presidente da Banca

TAIANA MEDEIROS SANTOS

**O FAZER EM CINEMA E EDUCAÇÃO - A POSSIBILIDADE DA CRIAÇÃO
AUDIOVISUAL PELA PEDAGOGIA DOS DISPOSITIVOS, ATRAVÉS DO
DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS EDUCACIONAIS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso Bacharelado em
Produção Cultural, como requisito
parcial para conclusão do curso.

Aprovada em 01 de agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Teresa Mattos de Moraes (Orientadora) - UFF

Prof. Dr. Alexandre Silva Guerreiro - UERJ

Prof. Dr. Luiz Garcia Vieira Junior - UFF

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Carlos Alberto da Silva Santos, que sempre acreditou em minha capacidade e investiu em meus talentos. Me incentivou energeticamente aos estudos, e aspirava, junto a mim, por esta formação no ensino superior público.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os mestres que cruzaram meu caminho, beneficiando a troca de aprendizagem e estimulando o crescimento através dos estudos. O interesse genuíno pelo tema da educação, certamente deve-se aos professores incríveis que conheci. Em especial, agradeço ao Colégio Estadual José Leite Lopes, local de aberturas para o trabalho e investigação com a arte e tecnologia, mais especificamente com o cinema e a fotografia.

Agradeço à toda a comunidade envolvida com Cinema e Educação, pela total receptividade nos locais em que me integrei para investigar sobre o tema, e por formarem uma rede de apoio tão bonita e potente, firmada através de eventos, encontros e palestras constantes, presencialmente ou de maneira remota. Este fato tornou a pesquisa um resultado das considerações feitas em encontros e leituras verdadeiramente inspiradores.

Agradeço à Ana Bárbara Ramos por compartilhar em excelente conversa sobre suas experiências, e por ser inspiração como arte-educadora e produtora cultural. À banca, Alexandre Silva Guerreiro e Luiz Garcia Vieira Junior, agradeço imensamente pelo tempo compartilhado, interesse pelo tema, e pelo aceite ao convite realizado às vésperas.

Agradeço à professora Tetê Mattos por compartilhar comigo o entusiasmo pela realização e finalização deste trabalho, pelo empenho compartilhado para que de fato ocorresse, e por ser uma inspiração como professora e profissional, bem-quista por todo Instituto de Artes e Comunicação Social, em especial por seus alunos, e mais especialmente ainda, por mim. Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho verificou as potencialidades da relação entre cinema e educação pela perspectiva da criação coletiva com os estudantes. Foi apresentado a pedagogia dos dispositivos, método elaborado pelo programa Inventar com a Diferença da Universidade Federal Fluminense, como principal proposta de implementação da metodologia ativa de criação. Defendeu-se o engajamento para a criação de projetos culturais atuantes neste sentido, e a possibilidade da implementação de ações com o cinema em escolas públicas, através da entrevista com a coordenadora da Escola Semente – Educação Audiovisual. Foi analisado, também, a perspectiva mercadológica da produção audiovisual nas escolas, e desenvolvido o tema Cinema e Educação por uma perspectiva abrangente, tendo a autora Rosália Duarte como referência. Adicionalmente, abordou-se as propostas inovadoras e métodos educativos de Paulo Freire, tendo o autor como principal referência para o campo da educação, como também, investiu-se esforços na comprovação da eficiência do ato de criar em verdadeira comunhão com jovens estudantes, utilizando o cinema como ferramenta.

Palavras-chave: Cinema. Educação. Criação. Autonomia.

ABSTRACT

The present work verified the potential of the relationship between cinema and education from the perspective of collective creation with students. It was presented the pedagogy of devices, a method called "Inventar com a Diferença" developed by Universidade Federal Fluminense, as the main proposal for the implementation of the active creation methodology. The engagement for creation of active cultural projects in this sense and the possibility of implemented actions with cinema in public-schools were defended through the interview with the coordinator of "Escola Semente – Educação Audiovisual". It was analysed the marketing perspective of audiovisual production in schools and it will develop on the theme Cinema and Education from a comprehensive perspective, having the author Rosália Duarte as a reference. Additionally, Paulo Freire's innovative proposals and educational methods were addressed, with the author as the main reference for the field of education, as well as efforts were invested in proving the efficiency of the act of creating in true communion with young students, using cinema as a tool.

Keywords: Cinema. Education. Creation. Autonomy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Eu, em primeiro plano, no vídeo do evento.....	42
Figura 2 - Foto Narrada, Turma Lucilene	44
Figura 3 - Atelier 1	44
Figura 4 - Em Produção	44

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	SOBRE EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE, SOBRE CINEMA E EDUCAÇÃO	16
2	INVENTANDO COM A DIFERENÇA A PARTIR DA PEDAGOGIA DOS DISPOSITIVOS	24
3	A SEMENTE PLANTADA PELO INVENTAR, FLORESCERÁ	36
	CONCLUSÃO	45
	REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Os esforços na investigação a respeito da potência que possui a relação entre o cinema e a educação tem se expandido cada vez mais. Observa-se uma crescente tendência na implementação de projetos cinematográficos em ambientes educacionais, e o desejo de criar em comunhão com os estudantes, dispendo ferramentas (sejam elas físicas, e/ou dialógicas) para que criem, produzam, e construam suas próprias narrativas. Diante deste estímulo e valorização, e dos resultados obtidos por projetos desta natureza, verifica-se a potência existente nesta relação entre cinema e educação, engajada pelos atos de criação e de compartilhamento entre indivíduos, e a importância da inserção de projetos artístico-culturais em escolas, em especial nas escolas públicas, além da urgência em fazê-lo, de modo a, em união com os estudantes, criar redes colaborativas e criativas, explorando, vivenciando e inventando novas e diversas formas de ser e estar no mundo, característica também atrelada à educação e a dialogicidade. Estimulados pela produção cultural, desperta-se para a importância do investimento e fomento em projetos que estimulem a potência criativa e colaborativa que é viva nos jovens, estes que são parte importante da construção de tudo o que virá.

Toda a minha jornada escolar ocorreu em escolas públicas, e afirmo que tive acesso a um ensino de qualidade, com excelentes professores e equipe docente, empenhados em nos estimular a vivenciar experiências que ultrapassavam os limites previstos da grade tradicional, mesmo que por muitas vezes com recursos limitados. Reconheço os privilégios que me acompanharam nesta caminhada, mas meus pais nunca puderam pagar por escolas particulares. Em resumo, sempre confiaram na rede pública de ensino, e no meu próprio desejo de estudar.

Durante meu último ano do ensino fundamental, me empenhei para ingressar no NAVE - Núcleo Avançado em Educação, que consiste em uma parceria da Oi Futuro com a escola de ensino médio público CEJLL - Colégio Estadual José Leite Lopes, e consegui. Lá, me deparei com um método de ensino integrado, onde além das disciplinas de base comum, eram oferecidas matérias voltadas para arte, tecnologia e comunicação. Me formei como Técnica em Multimídias, e durante meus

três anos de formação, tive contato com design, animação, cinema, edição, fotografia, criação de conteúdo digital, com acesso a equipamentos e o suporte da tecnologia ao dispor, além, claro, de professores ótimos, tanto de base comum, quanto os envolvidos no mercado criativo. Eram 10 horas por dia na escola, vivenciando trocas intensas e transformadoras. Foram tempos que abriram portas e caminhos em minha jornada. Reconheço que este cenário, método educativo e suporte, é exceção na realidade em que se encontram as escolas públicas da cidade, no entanto, acredito verdadeiramente nas transformações de mundos que a arte e a cultura podem viabilizar, quando incorporadas, mesmo que de maneiras mais simples, ao espaço escolar.

Sabe-se que para muitas crianças e jovens de escolas públicas, o ambiente escolar é um dos poucos, ou único, espaço de vivências artísticas e culturais, de socialização, sendo também um importante local para a construção de saberes e trocas. A escola enquanto território possui potencial e espaço criador, quem sabe transformador, de possibilidades inventivas quanto aos modos de vida dos que lá necessariamente encontram-se diariamente. Uma excelente forma de construir um futuro de qualidade, é não apenas acreditando, mas investindo nesta potência. É latente a confiança na capacidade que a educação, principalmente quando atrelada à arte, possui força transformadora na vida dos jovens estudantes. É válido ressaltar que às possibilidades de transformações nos modos de ver e viver o mundo mencionadas como potencial, atribuem-se aqui os atos de criar e de compartilhar. Produzem-se novas perspectivas, novos saberes, novas formas de experimentar a vida, o coletivo, e tudo ao redor, e esta força de transformação se dará de maneira intrínseca, sem que haja uma intenção formulada previamente neste sentido, de transformar.

Entendemos a educação como elemento estrutural indispensável para a construção de um povo capaz de desenvolver-se em plena liberdade e autonomia. Esta que é, ou deveria ser, parte da vida de todos os indivíduos que formam a sociedade em que vivemos, pode e deve ser instrumento capaz de despertar potências adormecidas, e libertar as amarras invisíveis que aprisionam, ou pelo menos trazê-las à consciência, ser lugar de trocas afetivas e de confiança mútua, entre tantas outras formas e ferramentas capazes de despertar a consciência e autonomia

dos indivíduos que acreditamos ser possíveis através da educação. Em paralelo, reconhecemos que pôr a mão na massa, produzir com o coletivo, exercer a criatividade e a liberdade de expressão, se colocar no mundo, são força e vigor que habitam os indivíduos, todos nós, estudantes de escolas, ou aprendizes da vida. No intuito de dar a força e vigor também ao ato de criar, o cinema apresenta-se como ferramenta reveladora e estimulante para tal.

O interesse pelo tema, no âmbito da universidade se deu quando realizei a matéria “Cinema e Educação” com o professor João Luiz Leocádio na UFF. Me interessei pelo nome da matéria, ao me recordar que durante o ensino médio, em um estágio que realizava para a produtora Praga Conexões, fui monitora do projeto “Cinema para Todos”, que contava com o apoio do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Tratava-se de um projeto que ocorria em Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) do Rio de Janeiro, onde apresentávamos através de pequenas aulas o universo do cinema de uma maneira geral, e em seguida produzíamos pequenos curtas com os alunos, roteirizados, produzidos, filmados e editados em conjunto com os mesmos. Participei da implementação deste projeto em um CIEP do bairro Queimados, e tivemos cerca de cinco encontros que ocorreram semanalmente. Foi uma experiência enriquecedora, a qual sempre me recordarei. No decorrer do curso lecionado pelo professor Leocádio, ele nos apresentou diversas referências e vertentes do tema cinema e educação.

Uma das metodologias apresentadas pelo professor, foi a do “Inventar com a Diferença”, projeto criado na Universidade Federal Fluminense, e que colocou no mundo a metodologia dos Dispositivos, esta que será a base para a criação com o audiovisual, proposta neste estudo como elemento principal na implementação do cinema na escola. Através da criação com as imagens em movimento, revela-se a possibilidade de invenção impulsionada pela pedagogia dos dispositivos, instrumento eficaz para fazer ver, fazer comunicar, fazer produzir na escola, além do desenvolvimento da liberdade criativa, e o fomento da criação audiovisual. O cinema torna-se potência criadora, e ocorre de maneira participativa, os alunos aprendem e criam juntos, em um processo coletivo de construção. Além disso, esta pedagogia é revolucionária, pois quem filma está implicado na problemática do que se trata na tela, sabe-se que filmar é selecionar o que quer se evidenciar no mundo, e então a partir

disso, poder criar e imaginar um mundo novo. As ações são fortalecidas pelo protagonismo, que se sustenta na autonomia de seus autores. Desta forma, é possível verificar os processos instaurados pelo cinema, que ultrapassam a realização de filmes, e na escola, poderá alterar as circunstâncias deste espaço, e também fora dele.

Toda a escrita terá como base o interesse genuíno no tema, e desenvolvimento através da observação participante no I Seminário de Educação, Cinema e Audiovisual da Paraíba – I Encontro da Rede Kino Nordeste em janeiro de 2020; no Encontro da Educação – XIV Fórum da Rede Kino, realizado durante a 17ª Mostra de Cinema de Outro Preto em junho do 2022. Com a intenção de comprovar a eficácia de projetos que atuam com cinema e educação, entrevistei Ana Bárbara Ramos, Coordenadora da Escola Semente – Educação Audiovisual, um projeto que pode ser considerado um desdobramento do Inventar com a Diferença, e que se consolida atualmente como uma escola para professores, os desenvolvendo para práticas de ensino com o audiovisual em suas comunidades escolares.

No primeiro capítulo, vamos travar reflexões a respeito do campo da educação em contextos de vulnerabilidade, destacando a importância da dialogicidade em ambientes educacionais, para a construção de um povo autônomo, capaz de vivenciar suas histórias com propriedade, conscientes das estruturas de poder que regem todos nós, através do texto *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Mais adiante, abordaremos em um contexto geral o cinema em relação à educação, a possibilidade de pensar o cinema como pedagogia que pode fortalecer as estruturas educacionais vigentes, tendo em vista que o audiovisual faz parte de tudo o que vivenciamos nos dias atuais, bem como faz parte da nossa construção histórica enquanto sociedade, o texto *Cinema e Educação* de Rosália Duarte, pioneira nos estudos no campo de cinema e educação.

No segundo capítulo, abordaremos a possibilidade de fazer cinema em sala de aula, através pedagogia dos dispositivos, com o texto *Inevitavelmente Cinema – educação, política e mafuá*, de Cezar Migliorin, que relata sobre a implementação do projeto que levou o cinema atrelado aos direitos humanos a diversas escolas do país. Em paralelo, traremos algumas reflexões apresentadas no livro *Cinema de Brincar* de

Cezar Migliorin e Isaac Pipano, a respeito dos grandes temas que envolvem o fazer cinema em escolas, como política, ética e estética, temas que também serão tratados pelo texto anterior.

Por fim, no terceiro capítulo, a partir da entrevista realizada com Ana Bárbara Ramos, coordenadora da Escola Semente – Educação Audiovisual, apresentaremos o referido projeto, que atua desde 2014 com cinema e educação, e trata-se de uma reverberação do Inventar com a Diferença, no qual Ana Bárbara foi uma das mediadoras¹. Bem como compreenderemos a trajetória da Escola Semente, e seu modelo de atuação nos dias atuais.

¹ Profissionais do audiovisual, responsáveis por mobilizar as escolas na participação do projeto Inventar com a Diferença, acompanhar as oficinas e visitar as escolas.

1 SOBRE EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE, SOBRE CINEMA E EDUCAÇÃO

Neste capítulo iremos trazer algumas reflexões sobre o tema cinema e educação, a fim de contextualizar melhor o nosso objeto. A base para as nossas reflexões foi o livro *Pedagogia do Oprimido*, escrito por Paulo Freire, como principal referência para uma análise do campo da educação, não apenas pelo reconhecimento do autor, patrono da educação brasileira, como um pensador e realizador cujas ideias revolucionárias nos encantam, mas por entendermos a necessidade de observar as problemáticas que se apresentam em escolas públicas, e a delicadeza das questões apresentadas por estes sujeitos na vivência em projetos culturais. Segundo o pensamento de Freire, para a atuação na educação, é necessário construir um espaço de confiança mútua entre os educadores e os estudantes, para que de fato estas questões sejam apresentadas e neste momento, possam juntos, provocar reflexões críticas acerca do mundo, e a criação de possíveis projetos existenciais, e neste sentido, o livro nos trará uma base firme para este processo de reflexão-ação.

Será possível observar através dos ideais e reflexões apresentados por Paulo Freire a respeito da possibilidade de libertação dos oprimidos. Vale ressaltar que o cinema na escola não possui intenção alguma, a não ser o próprio fazer cinema, conforme será possível verificar posteriormente. No entanto, reconhecemos a importância das revelações apresentadas pelo autor, que são reflexo de sua jornada educativa em contextos de vulnerabilidade, e as consideramos necessárias para a construção deste estudo. Conforme mencionado nas linhas introdutórias desta monografia, o cinema na escola por mais que não deseje transformar ou libertar os que sofrem sua vivência, acaba por fazê-lo, conforme relatos de alunos que vivenciaram projetos deste tipo. Durante a participação no "Seminário - Encontro de Educação" no CineOp, pude presenciar a fala do estudante Daniel Damas, aluno do Colégio Estadual Professor José de Souza Marques, e um dos realizadores do filme intitulado *Só mais 7 minutos*, contemplado pelo projeto Imagens em Movimento². Durante uma emocionante fala a respeito das transformações que o cinema provocou

² Projeto sociocultural que promove oficinas de cinema e música nas escolas públicas brasileiras, onde os estudantes concebem e realizam curtas-metragens.

em sua comunidade escolar, e do seu desejo em seguir com projetos e realizações audiovisuais, ele menciona a frase: “Não é só cinema”, que representa de maneira simples, tudo o que defendemos neste estudo.

No livro *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire nos revela como a prática da liberdade enquanto metodologia pedagógica, apresenta-se como fundamental para que os sujeitos que se encontram em estado de opressão no mundo, possam refletir a respeito deste mundo, e sobre seu papel criador nele. Através da práxis, conceito muito utilizado pelo autor, o mesmo explorará os caminhos e possibilidades que poderão se abrir e surgir no sentido da descoberta destes indivíduos sobre si próprios, enquanto sujeitos donos de sua própria destinação.

Toda a metodologia proposta por Paulo Freire se dará através da práxis. Esta, compreendemos que se trata do processo de reflexão que ocorrerá junto do processo de ação, ou seja, o conceito de práxis defendido pelo autor, jamais será contemplado apenas pelo ativismo - o agir sem refletir, ou pelo verbalismo - reflexão sem ação. A práxis autêntica, se dará através da reflexão crítica e da ação dos sujeitos.

“A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; e o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.” (FREIRE, 2019, p. 57)

O autor apresenta uma muito significativa noção do “ser mais” e do “ser menos”, e esta, acreditamos que poderá nortear todo este estudo que nos propomos a realizar. Somos levados a perceber a repetida e histórica vivência dos indivíduos com a desumanização, seguida de sua eterna busca e luta pelo contrário, a humanização, esta que segundo Paulo Freire, trata-se da vocação histórica dos indivíduos, de “ser mais”, enquanto que a desumanização, trata-se da distorção desta vocação, o “ser menos”. Os termos “vida” e “morte” também são utilizados diversas vezes pelo autor no decorrer do livro, e esta dicotomia também nos instiga em muito. O autor os utiliza para referir-se também aos processos de busca e descoberta da

vocação dos indivíduos, e às estruturas necrófilas que distorcem esta descoberta, respectivamente.

A fim de compreender a situação concreta dos oprimidos e dos opressores, será necessário a convivência com os indivíduos que se encontram neste estado, e conforme descrito pelo autor, compreender-se como um deles também – “somente a um nível diferente de percepção da realidade” (FREIRE, 2019, p.67) e através desta convivência, entender suas percepções e formas de ser, que serão um reflexo das sólidas estruturas de dominação. O autor defende que a força de superação do estado do oprimido deverá partir deste, que terá como tarefa histórica libertar a si, e de maneira instigante, ao opressor também. O defendido por Freire, e que acreditamos verdadeiramente, é o entendimento destes indivíduos como detentores de sua própria liberdade, os grandes criadores da história. “Querem ser, mas temem ser.” (FREIRE, 2019, p. 47)

Acredita-se na capacidade dos indivíduos em estado de opressão de “pensar certo”. A crença da visão inautêntica do mundo só pode ser aproveitada pelos opressores, bem como sua dependência. O que se defende é a liberdade, através da ação para a liberdade, no agir com o povo, e isto apenas é possível se acreditamos verdadeiramente no potencial destes. Em *Pedagogia do oprimido* verificamos diversas críticas aos métodos tradicionais da educação aos quais nos atentaremos. A crítica elaborada, não se destina, de maneira pessoal, aos profissionais da educação em si, que agem de uma maneira ou de outra, e sim, ao sistema educacional vigente, de uma maneira geral. O autor relata que a educação como objeto de dominação, trata-se de um marco ideológico, e nem sempre é notado pelos que praticam. Neste sentido, o autor apresenta a “concepção bancária da educação” como instrumento da opressão, com grande poder de doutrinar e acomodar os indivíduos. Nesta concepção, a prática educativa esvazia-se de sua força transformadora, e coloca o educador como detentor das informações que serão depositadas aos educandos, através da narração, e caberá a estes memorizar o que lhes foi apresentado e depositado. Na concepção bancária da educação, o saber é transmitido dos que tudo sabem, aos que nada sabem, através de “comunicados”, ignorando a potência que o “comunicar-se” pode ter, e a grande diferença entre os dois termos. Para Freire:

“Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.” (FREIRE, 2019, p. 81)

Ao pensar a realização de projetos em ambientes educacionais, é preciso estar aberto ao que virá para a construção do diálogo, e neste caso, para a criação com o cinema. Intencionando neste sentido, é necessário observar que não existem “aqueles que tudo sabem”, pois o conhecimento é um processo de busca, e portanto, não deve-se pretender depositar nada aos educandos, ao contrário disso, criar em conjunto e estabelecer uma relação de “ensino-aprendizagem”, onde todos igualmente tem o que ensinar e o que aprender.

É necessário compreender a educação como um fazer constante e permanente. Os indivíduos, sujeitos deste processo, são seres inacabados e vivendo constantes transformações, assim como a própria história é. Conforme citado anteriormente, compreende-se o “ser mais” como vocação histórica dos sujeitos e é neste sentido que compreendemos que deva ocorrer o processo educativo, lidando com sujeitos que estão no mundo e se relacionando com ele, lidando com sua própria inconclusão e a transitoriedade dos acontecimentos, mas sempre em busca do ser mais, a vocação, o olhar para frente, sem jamais se prender em ideias fixas e preconcebidas, de cunho “necrófilo” ou seja, negando a vida que pulsa nos seres e no mundo.

Por ser autêntico, o movimento de busca e transformação apenas poderá ocorrer através dos indivíduos mesmo, no entanto, sempre em união, nunca em relações dicotomizadas. Este processo apenas será possível mediante o entendimento de que estes indivíduos são seres conscientes, no mundo, e então assim, poderemos problematizar suas relações com este mundo. Paulo Freire afirma que a superação da contradição existente na relação educador-educando, se dará através da essência da educação, a dialogicidade. Esta possui grande importância no desenvolvimento da educação problematizadora, e quando pensamos em

dialogicidade, necessitamos olhar primeiramente à essência desta: a palavra, o verdadeiro diálogo jamais se dará pela pronuncia da palavra oca, vazia.

Com a plena convicção de tratar-se da verdade, nos encanta quando Paulo Freire salienta que não há diálogo verdadeiro sem amor, e que este, é a essência maior da relação entre as pessoas e desta forma, da dialogicidade. Nas relações de dominação, esvaziam-se do sentido do amor, alimentando a “patologia” deste, exatamente o seu contrário. Apenas através da humildade, fé nas pessoas, e verdadeiro amor por estes, o diálogo sincero e transformador poderá surgir. O autor afirma que a dialogicidade inicia-se antes mesmo do educador-educando adentrar o espaço escolar, ela começa quando este inquieta-se com o conteúdo que será levado, não como aquele que já tem o conteúdo pronto a ser entregue, mas como aquele responsável por instigar e promover o diálogo.

Com os temas geradores propostos pelo autor, e o diálogo a respeito destes, no primeiro momento, haverá o processo de codificação, o reconhecimento das suas percepções acerca da totalidade das coisas, que ocorrerá através de situações existenciais, para que num segundo momento, juntos possam passar pela descodificação desta totalidade. Desta forma, como relata o autor, agora os indivíduos poderão obter a “percepção da percepção anterior”, e serão capazes de adquirir nova percepção. Neste sentido, será tarefa do educador instigar os educandos, os desafiando em suas próprias percepções, e o autor afirma que desta maneira, ocorrerá um efeito catártico ao processo. Para Freire,

“O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros.” (FREIRE, 2019, p. 166)

Feitas as aberturas sobre o campo da educação revolucionária em contextos de vulnerabilidade, adentremos ao campo da educação aproximado ao campo do cinema, e para isto, o pensamento de Rosália Duarte, no texto *Cinema e Educação* se constitui uma referencia para este trabalho assim como referência em

potencial para projetos e estudos desta natureza. A autora nos inicia ao termo “competência para ver”, elaborado por Pierre Bordieu, que se refere à determinada maneira de absorver aos produtos culturais, influenciada pela atmosfera cultural em que o indivíduo se encontra inserido. De acordo com o pensador, a experiência das pessoas com o cinema, contribui ao desenvolvimento desta competência, portanto, o conjunto de preferências de um indivíduo, seja um filme ou um produto cultural predileto, se dará pela construção de sua prática social, e não de maneira totalmente pessoal. Dito isto, a autora reflete a importância da relação entre o cinema e a educação, se pensarmos a educação como processo de socialização, e em seguida, apresenta duas perspectivas deste conceito. A primeira, defendida por Émile Durkheim, afirma que a relação entre os indivíduos e o mundo que os cerca se dá de maneira passiva, ou seja, os indivíduos possuem alguns instintos básicos por natureza, e caberia aos indivíduos já inseridos na sociedade, realizar a iniciação destes. A segunda perspectiva apresentada por Rosália Duarte, é do processo de socialização como um movimento dinâmico, no qual todos os indivíduos que nela encontram-se inseridos, são responsáveis ativos e significadores, modificando o social, esta defendida por Georg Simmel.

Os conceitos de socialização citados, muito podem influenciar nas discussões já iniciadas no presente estudo a respeito do processo educacional, e a autora também reforça esta ideia. No primeiro conceito, identificam-se os métodos educacionais de aprendizagem passiva, onde um adulto passa o ensinamento, e o estudante, passivo, apenas a interioriza, esta também criticada anteriormente por Paulo Freire. No segundo conceito, a relação pedagógica ocorre através da interação de saberes entre ambas as partes. De toda forma, conforme descrito por Duarte:

“Em ambos os casos, entretanto, a educação que é ministrada no interior da escola é vista como apenas uma das muitas formas de socialização de indivíduos humanos, como um entre muitos modos de transmissão e produção de conhecimento, de constituição de padrões éticos, de valores morais e competências profissionais”. (DUARTE, 2002, p. 16/17)

Analisando o papel social do cinema, Rosália Duarte afirma que a prática de ver filmes é de grande importância para a formação cultural dos indivíduos, além do cunho profundamente educativo que ocorre na relação entre o cinema e aqueles

que o consomem. A construção do sujeito que hoje se vê, muito se deve ao surgimento da imagem em movimento, à forma como o próprio o consome. A autora afirma ainda, que a própria percepção que se tem da história da humanidade, as relações sociais subjetivas ou não, e a construção dos saberes, possui influência dos filmes que consumimos, resultado então, de sua natureza pedagógica.

Reafirmando a proposta deste estudo, vemos no texto de Duarte uma crítica à forma como o cinema tem sido utilizado enquanto proposta educacional, de maneira secundária e apenas complementar à literatura escrita. A autora propõe-se a questionar o motivo pelo qual isto ocorre, e sugere que esta maneira de encarar o audiovisual em detrimento da escrita, se dê pela crença comum de que o primeiro (em especial a tevê, e o cinema em si), atua de maneira negativa no aprendizado que se dá pelo segundo, a tradicional literatura escrita. Cabe então, investir-se esforços na compreensão da importância do protagonismo do cinema como pedagogia.

Em seu livro, Rosália Duarte destaca um único capítulo a respeito da linguagem cinematográfica, e da importância do estudo desta aos que se interessam pela implementação do cinema na escola. Conforme mencionado pela autora:

“Diferente da escrita, cuja compreensão pressupõe domínio pleno de códigos e estruturas gramaticais convencionados, a linguagem do cinema está ao alcance de todos e não precisa ser ensinada, sobretudo em sociedades audiovisuais, em que a habilidade para interpretar os códigos e signos próprios dessa forma de narrar é desenvolvido desde muito cedo. A maior parte de nós aprende a ver filmes pela experiência, ou seja, vendo (na telona ou na telinha) e conversando sobre eles com outros espectadores”.
(DUARTE, 2002, p. 38)

Ainda assim, destaca-se a importância de, para vivenciarmos de melhor maneira a experiência com os filmes, aprendermos sobre sua linguagem e sistemas significadores, para que desta forma, aprimoremos nossa “competência para ver”, pois sabe-se que, assim como na literatura, o entendimento das estruturas que compõem todo o arranjo literário, fará com que a apreciação da obra ocorra com muito mais intensidade. Em seguida, a autora apresenta os elementos de significação do cinema e seu papel como prática cultural.

Para além do carácter pedagógico do cinema citado anteriormente, é válido ressaltar que, conforme identificado por Duarte, historicamente, a sociedade tem usado da “contação de histórias” para transmitir valores éticos e morais. Em uma sociedade audiovisual em que nos encontramos inseridos, a utilização deste meio para a construção do imaginário social possui grande relevância, no entanto, não é possível ainda, afirmar sua real influência na construção social. O que se pode afirmar, é a respeito do papel do sujeito que o consome, que não mais é visto como um mero “receptor” do conteúdo audiovisual, e sim, como sujeito ativo e atribuidor de significados do conteúdo midiático, assimilado de acordo com sua própria vivência pessoal. Por esta razão, pela atribuição pessoal de sentido, torna-se desafiador afirmar a respeito do papel do cinema na construção coletiva de sentido, ainda que, conforme relatado por Rosália: “Tudo indica que os conhecimentos adquiridos pela escolarização atuam de modo mais significativo em etapas posteriores do processo de significação.” (DUARTE, 2002, p. 73)

Através das questões apresentadas até então, cabe a reflexão a respeito do papel da escola neste processo. Primeiramente, compreendemos que a produção de saberes ultrapassa o espaço escolar, e ocorre grandemente através de outras instâncias de socialização, verificamos também, que o cinema possui carácter pedagógico, e possivelmente possui influencia nesta construção social e de conhecimento. Portanto, assim como na leitura e na escrita, aprendidas no âmbito escolar, é válido ressaltar a importância de se “ensinar a ver”, trazendo a experiência com o cinema para dentro da escola, com os recursos adequados para que se desenvolva a “competência para ver”, estimulando inclusive, o gosto pelo cinema.

2 INVENTANDO COM A DIFERENÇA A PARTIR DA PEDAGOGIA DOS DISPOSITIVOS

Neste capítulo iremos analisar o programa *Inventar com a Diferença - cinema, educação e direitos humanos*, e a metodologia dos dispositivos elaborada a partir deste como possibilidade de aplicação do cinema em sala de aula. Iniciado pelo Laboratório Kumã, da Universidade Federal Fluminense (UFF), em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República e com contribuições de outros grupos, como o CINEAD/LECAV - Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o programa ocorreu entre 2013 e 2015 e implementou o cinema e direitos humanos em 234 escolas do país. Toda a experiência do programa encontra-se contextualizada no livro *Inevitavelmente Cinema – educação, política e mafuá*, de Cezar Migliorin, o qual abordaremos neste capítulo, e ressaltamos como material que possui grande importância neste estudo, assim como em grande parte dos projetos que hoje em dia atuam no campo do cinema e educação.

Conforme relatado, a experiência do cinema com a escola ocorrerá de maneira mais intensa através da experimentação. Na realidade, a relação com a arte de maneira geral, poderá se dar de maneira mais satisfatória através da vivência, do fazer. Cabe ressaltar, que os processos criativos estão aí, dados a todos nós, ou seja, o processo criativo é uma característica intrínseca aos indivíduos, e devemos então, encontrar formas de intensificá-la. Sendo o processo criativo uma característica inerente aos indivíduos, acabamos por desmistificar a concepção de que a criação artística, neste caso, com o audiovisual, trata-se de uma exclusividade daqueles que se declaram artistas. Atribui-se então, uma dimensão democrática a este processo, porém, nem sempre ao acesso às ferramentas necessárias para criação, e neste sentido, a metodologia dos dispositivos também apresentará a possibilidade de criação mesmo sem equipamentos ou conhecimento técnico ou da linguagem prévio. Reconheçamos então, a segunda característica intrínseca aos indivíduos: o encontro entre criações individuais, a fusão entre ideias e formas de experimentar o mundo, o deparar-se com outras vivências, o impacto do coletivo quando em comunhão, a mobilização criativa que arrebatada, que é encontrada em diversas ações humanas.

Dentre as experiências criativas e conectivas do mundo, o cinema trata-se de uma possibilidade, e o dispositivo, a ferramenta capaz de explorar os conceitos de criação e compartilhamento, e o próprio experimentar com o cinema, com a vida. O dispositivo torna-se um disparador que aponta uma determinada forma de se criar, e através de pequenas regras, entrega total abertura de possibilidades criativas, envolvendo situações onde não há domínio ou controle do que virá. Seu papel é o de dar o gatilho, e ser ativador das forças capazes de criar tudo o que virá, influenciado pelas especificações previamente estabelecidas, e capaz de explorar as diversas e infinitas formas de se observar e retratar o mundo ao redor. Além desta dimensão ativadora, os dispositivos caracterizam-se pela dimensão expansiva, pois podem estar em qualquer lugar, e as regras podem – e devem – ser inventadas por qualquer pessoa que deseje experimentar suas possibilidades.

Os dispositivos tratam-se de uma das fortes bases da implementação do projeto *Inventar com a Diferença*, e os métodos de aplicação encontram-se catalogados no livro *Cadernos do Inventar – cinema, educação e direitos humanos*, que foi elaborado após a implementação do programa, por Cezar Migliorin e demais idealizadores. Trata-se de um material excelente para a utilização em sala de aula. O livro organiza todos os dispositivos propostos, e este encontra-se disponível gratuitamente para investigação, compartilhamento e utilização, para os que desejam vivenciar sua aplicabilidade. Basicamente, os dispositivos são “jogos” de experimentação com as imagens, que se constituirão por algumas “regras”, e que podem ser utilizados por qualquer pessoa, em qualquer lugar, e por isto, ignora estruturas hierárquicas e de poder. Através da utilização dos dispositivos, teremos a imagem, a princípio, como tema central para que posteriormente, outros temas possam surgir como consequência. Os dispositivos possuem duas características antagônicas, porém complementares, a primeira é a de delimitar regras a serem seguidas para a construção da imagem, e a segunda, a total liberdade de criação e abertura para o que surgirá a partir das regras inicialmente propostas.

A respeito da dimensão expansiva dos dispositivos mencionada, acrescento minha experiência pessoal de utilização destes com a fotografia. Em 2019, tive a oportunidade de retornar à escola em que estudei, o NAVE, como facilitadora do projeto de pesquisa *Cenário da vida de jovens estudantes de escolas públicas*:

Fotografias, Vozes, Saberes e Utopias com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ. Neste, tínhamos como principal objetivo analisar o repertório narrativo e fotográfico dos estudantes, sobre as suas vidas pessoais e comunitárias, nos territórios em que viviam, e nos espaços de vivências em que realizavam trocas de saberes e experiências. Nos encontrávamos semanalmente, conversávamos sobre questões da sociedade e vivências pessoais, e após o debate, definíamos temas para fotografar, para que no próximo encontro pudessemos apresentá-las, conversar sobre estas. Nessa experiência, apresentei aos alunos o método dos dispositivos, e disponibilizei um pequeno catálogo com possibilidades de utilização destes que foram totalmente atualizados e modificados, partindo do *Cadernos do Inventar*, para que pudessem ser utilizados com a fotografia, e não com a filmagem.

“Imaginamos o dispositivo como uma forma de entrada na experiência com a imagem sem que a narrativa e o texto estivessem no centro, nem as hierarquias fossem antecipadas, justamente porque o dispositivo é experiência não roteirizável e amplamente aberta ao acaso e às formações do presente. Há no dispositivo uma dimensão lúdica que no trabalho na escola é bem-vinda; há uma tarefa a cumprir, um desafio a realizar.” (MIGLIORIN, 2015, p. 79)

Na vivência proposta pelo *Inventar com Diferença*, posteriormente, tudo o que for filmado deverá retornar à sala para ser assistido e debatido em conjunto. Diante disto, confirmamos que a temática não está dada antes do dispositivo, e sim, depois da realização deste. Não há certo ou errado na metodologia dos dispositivos, o que deve haver é o estado de presença e abertura dos indivíduos que se propõem a realizá-lo.

“O dispositivo, de alguma maneira, nos permitia estar presente, acionar disponibilidades sensíveis e intelectuais dos estudantes para a diferença, ao mesmo tempo em que “deixa as crianças em paz”. Quando o cinema chega na escola como palavra de ordem, o que ele faz é se distanciar da experiência do outro e se impor como discurso verídico. No nosso caso, desejávamos o contrário com o dispositivo, por isso a necessidade de deixar as crianças em paz, não exigir nada.” (MIGLIORIN, 2015, p.80)

Reiterando o livro *Inevitavelmente Cinema* como principal objeto de compreensão da trajetória do programa *Inventar com a Diferença*, nos aprofundaremos nos três primeiros capítulos deste. No decorrer do texto, somos levados a perceber algumas das formas como o cinema pode estar presente na

escola, a mais aceitável e comum, é o da exibição de filmes. Com *Inevitavelmente Cinema*, Migliorin vai além e ousa em pensar a escola através do cinema, pensar o mundo através do cinema, e por fim, verificamos o cinema na escola como pedagogia, a do fazer cinema. De acordo com o autor:

“Não por outro motivo, sempre foi fundamental para nós que a produção de imagens e sons estivesse na escola, e não somente a exibição de filmes. Com a produção de imagens, o aprendizado passava necessariamente por uma relação criativa e crítica por parte dos alunos. Entender a rua, o bairro, o vizinho e a cidade com o cinema é entrar em uma relação com o outro e, simultaneamente, em uma atividade crítica e criativa – do plano, do quadro, da luz, do ritmo. Em outras palavras, aproximar os estudantes do que o mundo tem a nos dar e, simultaneamente, permitir que eles criem e inventem com esse mundo.” (MIGLIORIN, 2015, p. 10)

Uma questão apresentada pelo autor, surgida nos primeiros passos do projeto, através da parceria ocorrida entre a Universidade Federal Fluminense e a Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu, e que consideramos válida de ser ressaltada ao pensarmos este estudo, é da importância do engajamento e participação dos professores nos projetos aplicados em escolas. Estes possuem papel de muita relevância para o bom fluxo dos projetos, e serão os verdadeiros protagonistas na implementação do cinema na escola, e quanto mais próximos e envolvidos estiverem, melhores serão os resultados obtidos. Fazemos aqui um paralelo à possibilidade de pensar a educação na escola junto com a formação de professores para que tenham autonomia de reverberar ações que mobilizem seus alunos neste sentido, junto com o cinema e políticas culturais. Sabe-se que a profissão dos professores é das que mais mobilizam a criatividade, e a docência em si, é da ordem da criação.

Em meio a tantas imagens que estão sendo dadas na sociedade em que vivemos, primeiramente, cabe uma reflexão do que se trata a imagem cinematográfica, de acordo com o autor “o cinema é trabalho no real” (MIGLIORIN, 2015, p. 35), e também sofre a reação e intenção de quem opera a máquina que filma, e inclusive do próprio equipamento. Esta noção também é defendida no livro *Cinema de brincar* de Cezar Migliorin e Isaac Pipano, destacando o que difere o cinema das outras artes, e seu risco em sala de aula: a sua intensidade. Conforme mencionado, as imagens cinematográficas são absolutamente afetadas pela realidade, filma-se o que se vê, o que está dado pelo mundo, e estas mesmas imagens serão transformadas, alteradas pelos indivíduos que sofrem este mundo, ou seja, uma

invenção com a realidade, uma mobilização com o real. Além disso, há ainda o espectador, indivíduo que vê através das imagens e as recebe em consonância com seu próprio mundo, fazendo com que a imagem não seja mero instrumento de transmissão e sim de transformação e criação, com inúmeras possibilidades. Retornamos então ao argumento de Rosália Duarte, quando se destaca a este arriscar-se, uma certa descontinuidade entre as imagens cinematográficas e a percepção dos indivíduos a respeito destas.

“Assim, o que está dado para se ensinar com o cinema é um não-sei-o-quê de possibilidades. Ensinar com o cinema passa, justamente, por um “não saber” das partes que se preparam para o acontecimento, ou seja, para a invenção intempestiva consigo e com o outro, com as imagens, mundos e conexões que o cinema nos permite, nos autoriza. Só o cinema pode isso? Certamente, não. Mas talvez nenhuma arte ou meio de expressão o possa com tanta intensidade.” (MILIORIN e PIPANO, 2019, p. 38)

Uma outra característica a ser destacada a respeito do cinema, é sua dimensão democrática, primeiramente no processo de aprendizagem, uma vez que se adequará às capacidades daqueles que com ele experimentam enquanto realizadores, e a noção de que todos, quem desejar, podem ser estes realizadores e também espectadores. A dimensão democrática do cinema e sua potência no processo de aprendizado, permite uma abertura para a criação coletiva, sem a pretensão da transmissão de saberes, sejam eles audiovisuais, pedagógicos ou a respeito da própria vida.

Ainda pensando a relação das imagens com o mundo, cabe a reflexão de que não se filma nada por filmar, o cinema é um ato de invenção e construção, e através da imagem e da montagem podemos construir uma narrativa e esta precisa estar atravessada por uma ética, de acordo com o evento representado na imagem. Isto torna-se importante de se observar, uma vez que a intenção do projeto mencionado era a de atrelar o cinema aos direitos humanos, logo, ao se produzir uma imagem juntos aos professores e alunos, era necessário a reflexão a respeito das escolhas que levaram àquela imagem e narrativa.

Em diversos momentos do texto *Inevitavelmente Cinema*, o autor nos apresenta filmes em que crianças são protagonistas e nos relata estas cenas, problematizando a relação entre estes filmes e a relação que se pensa entre cinema,

educação e direitos humanos. Através de trechos de filmes com crianças, somos levados a perceber como estes pequenos seres são capazes de transmutar os limites padronizados pelos adultos, desnaturalizando e desafiando tudo o que já está posto, e é neste sentido que o autor irá estabelecer uma relação entre a perturbação que é possível ser causada pelo olhar da criança no mundo, com o fazer cinema na escola.

Afirma-se que a arte não se ensina, se experimenta, e mesmo que a escola a princípio seja um lugar de ensino, o cinema na escola necessariamente se dará através da experimentação, além do mais, a escola além de ser um lugar de ensino, trata-se também de um espaço de trocas e partilhas de vivências de mundo. O cinema quando entra no espaço escolar, o faz através de uma relação de horizontalidade entre os alunos e professores, mesmo quando em forma de exibição isto ocorrerá, no entanto, quando em forma de criação isto se dá de maneira mais expressiva, pois para criar, é necessário estar aberto ao que virá e se deixar afetar pelo desconhecido.

“Nos parece, entretanto, que se pensamos o cinema na escola como uma possibilidade de experiência, não se trata de entregar ao aluno algo que ele não possui e que sabemos qual será o efeito da experiência sobre ele, mas permitir que a arte circule entre estudantes e professores na expectativa de que encontros formais, estéticos e discursivos possam funcionar como aberturas para que os sujeitos se engajem em mundos desconhecidos, recolocando em marcha processos subjetivos; que formas diversas de estar no mundo impliquem em possibilidades de invenção do eu e da comunidade – uma invenção com a diferença.” (MIGLIORIN, 2015, p. 52)

Ao dizer que o fazer cinema deverá se dar pela experiência, é necessário se atentar de que é apenas com a experiência da imagem em si, onde a criação é o fim em si. Neste momento o autor se distancia da ideia de um fim proposta por Paulo Freire, e que consideramos válido ressaltar, pois com este, existe a intenção de libertar os oprimidos e revelar as formas de opressão, aqui, com a vivência do cinema através da experiência, não há um fim, a não ser experimentar o mundo através das imagens, vivendo uma experiência pessoal e coletiva. Assim como proposto por Paulo Freire, Migliorin relata que ao pensar o projeto, esteve certo de que não seriam realizados discursos em que se autodeclaram donos da verdade, as falas não seriam hierarquizadas, e nem seriam criadas situações onde os direitos humanos são desrespeitados para que aí então, fosse possível discursar sobre a importância do respeito à estes.

O autor traz à reflexão o conceito de “Emancipação”, que terá grande influência no pensar do projeto “Inventar com a Diferença”. Na escola, local onde por muitas vezes, por definição, é clara a distinção entre aquele que sabe e ensina, e aquele que não sabe, e aprende, a descoberta das potências da comunidade se dará através do conceito da “igualdade das inteligências”, Conceito elaborado por Jacques Rancière, pelo qual é possível de compreender que toda e qualquer produção artística/intelectual humana pode ser compreendida por qualquer pessoa. O que não significam sujeitos que pensam da mesma maneira, mas que estão em relação, e sendo assim, o lugar do mestre sempre precisará ser ressignificado.

“Viver a emancipação é algo simples. Trata-se de ser capaz, em uma determinada situação, de conhecer, agir e usufruir dos sentidos humanos e das potências da comunidade.” (MIGLIORIN, 2015, p. 64)

Para vive-la com plenitude, é preciso compreender que não deverá ocorrer uma ideia de que, nesta troca, há um sujeito emancipado e outro a se emancipar, pois isto ocorrerá em comunhão, e sem qualquer saber precedente, a não ser o próprio desejo em fazê-lo. O mesmo conceito é utilizado no livro *Cinema de Brincar*, onde os autores destacam:

“Falar em emancipação demanda a urgência de um realinhamento da noção para que não a entendamos como um processo que supõe dois sujeitos, o emancipado e o a emancipar. Emancipar não é tarefa de um mestre que indica o caminho àqueles que não tem luz. Sem essa divisão, a situação de criação no ambiente educacional demanda do mestre e das propostas colocadas em prática um gesto de abertura ao que pertence aos alunos e à multiplicidade de mundos trazidos por eles. Ou seja, antes de um lugar de hierarquia entre aquele que sabe e o que não sabe, a emancipação demanda um estado de criação e montagem entre os diversos atores envolvidos em uma produção criativo-pedagógica.” (MILIORIN e PIPANO, 2019, p. 70)

O cinema na escola nada pedirá, e uma frase nomeia um dos capítulos do livro *Cinema de Brincar* diz: “Deixem essas crianças em paz”, e este é um dos princípios norteadores da relação entre cinema e educação, de acordo com estas referências utilizadas. Isto significa, além de não pedir nada, não cobrar ações dos estudantes ou dar respostas a estas, deixar um espaço vazio, para que seja preenchido, sem exigir que seja preenchido.

“Quando chegamos na escola com o cinema, não é para formar cineastas, não é para transformá-los em consumidores de cinema, não é para livrá-los

das drogas, não é para apresentar um conteúdo funcionalizável. Se com o ensino de arte não temos um norte — nem a história, nem o mercado, nem a comunicação, nem a revolução — o que podemos pedir como resposta para estudantes quando chegamos com o cinema? A resposta é simples: de preferência, nada.” (MILIORIN e PIPANO, 2019, p. 48)

Conforme mencionado, acredita-se na igualdade de inteligências, e na capacidade desta produção de potencialidades em conjunto. Com o cinema na escola, será possível uma abertura, e através da consciência desta igualdade, e deixando as crianças em paz, não deverá ocorrer uma troca entre os que “tudo sabem” e os que “nada sabem”, assim como a proposta de Paulo Freire mencionada, e como pode ser real em relações de ensino-aprendizagem distorcidas. Ao afirmar que devemos deixar as crianças em paz, de certa forma, isto poderá desafiar as estruturas educacionais e o papel do mestre nesta relação de ensino, no entanto, sabendo que o cinema na escola não se pretende doutrinar, iluminar ou despertar, esta noção será totalmente proveitosa. Sabe-se que de fato, existem hierarquias, e estas não devem ser negadas, a igualdade mencionada, não se refere à posição dos indivíduos, e sim à liberdade das trocas, a potência inventiva da criação em grupo, sem centralidades neste sentido. A partir desta noção, será possível vivenciar o que os autores chamarão de “Mafuá”, que se trata da ordem do pensamento, que se instaura através da desordem do mesmo, uma bagunça a partir do qual a ordem se fará presente. Esta ordem não será dita ou criada fora do mafuá, apenas dentro dele mesmo. Quanto aos mestres, através de seus conhecimentos prévios, a respeito de livros e filmes por exemplo, terão a oportunidade de complementar, e coloca-los nesta bagunça, sabendo que ainda assim, deverão resguardar palavras de ordem e de maneira igualitária, fazê-lo.

“Mas, lembrando: por que precisamos dessa noção de mafuá? Ele facilita pensar a potência inventiva de uma sala de aula — espaço em que um acontecimento pode se dar — e a potência igualitária do encontro entre a escola e o cinema. (MILIORIN e PIPANO, 2019, p. 49).

Ainda sobre esta relação, pode ser um desafio aos estudantes lidar com a ideia de um educador que não se dispõe a ensinar algo, e propõe apenas uma abertura de invenção em conjunto. Isto se dá por suas expectativas e vivências anteriores com uma educação. A emancipação deve ser praticada, pois apenas desta forma será possível vivenciá-la, partindo da igualdade de inteligências e das potencialidades da criação junto à comunidade.

O autor teoriza a relação entre montagem e educação, e apresenta o termo “combinações frescas”, a princípio discutido pelo filósofo inglês Anthony North Whitehead. A primeira vez que tive contato com o texto “Inevitavelmente cinema”, em 2019, encontrei uma certa dificuldade em compreender esta relação. No ano seguinte, estive no I Seminário de Educação, Cinema e Audiovisual da Paraíba, que também foi o I Encontro da Rede Kino Nordeste, que ocorreu entre os dias 22 a 25 de janeiro de 2020, em João Pessoa/PB, e no primeiro dia, participei da palestra dada por Isaac Pipano (um dos idealizadores do *Inventar com a Diferença*), onde boa parte de sua fala foi voltada para o tema da “montagem e combinações frescas”, o que me ajudou bastante. Pipano relacionou em diversos momentos o mundo e a vida, com o cinema e a montagem, e de acordo com a fala do mesmo, a montagem ocorrerá como uma categoria do pensamento. Retornando às mudanças do pensamento social ocorridas no século XX, o mesmo ressalta uma desconstrução das linearidades, e transformação do cinema. Em sua fala, Isaac ressalta que há uma “Forma Cinema” que opera como um modelo, e é atravessado por processos políticos, ele defende que esta não mais opere, pois não há forma única de se pensar e fazer cinema. Como ensinar nas escolas a “não forma”: pensando os cinemas, fugindo de roteiros, e desta forma, tornar possível olhar para uma construção não linear com as imagens e pensar “isto é cinema”. Nessa palestra, Isaac nos relata a vivência da montagem em sala de aula através de cartolinas, uma vez que a turma foi dividida em grupos e só havia um computador. A proposta nesta ocasião foi: utilização do dispositivo Minuto Lumiere, onde usa-se uma câmera fixa e registra-se um período de tempo, a captação de som com vozes humanas, e a captação do som sem vozes. Após esta primeira etapa, os estudantes sentavam em roda e verificavam todo o material bruto, e posteriormente, definiam todo o roteiro e montagem e cartolinas, para que aí então, com tudo pensado, finalmente realizassem a edição. Com a realização disto, Isaac detalha alguns pontos do processo, são eles: técnica como desafio e não obstáculo; espectador como montador; montagem como metamorfose, transformação do material, e não como um fim para o filme; imagem e som como camadas autônomas; grande diálogo do cinema com outras artes; fazer cinema na escola como se não estivesse fazendo filme, ou seja, propor experiências ao invés de planos e cenas.

Retornando ao texto, vejamos o quão instigante é a relação criada entre a montagem estética do cinema, e as combinações frescas possíveis com a educação.

O autor apresenta dois pontos que podem ser observados sobre estas combinações propostas por Whitehead, o primeiro, é relacionado com a metodologia proposta por Paulo Freire, de junto aos alunos, instigar a reflexão sobre a realidade em que vivem, e a partir de algumas ideias, abrir um leque para maiores combinações e descobertas. E a segunda experiência combinatória, seria o da criação de tudo aquilo que não é palpável, mas é potente, sobre esta, o autor afirma:

“O conhecimento, através de combinações frescas, entra em um processo ativo, que se transforma constantemente em uma sequência de acontecimentos.” (MIGLIORIN, 2015, p.83)

“Montagem e produção de combinações frescas eram ideias que nos mobilizavam, como se em cada lugar que o cinema encontrasse com a escola ele ajudasse alunos e professores a entrarem em uma produção de conhecimento que seria tanto mais potente quanto mais ela chamasse para perto de si o que não lhe pertencia, o que estava do lado de fora da escola, o que fosse passível de ser misturado com o que a escola já conhecia.” (MIGLIORIN, 2015, p.84)

Cezar menciona um dos dispositivos que compõem a metodologia do Inventar com a Diferença, e como se deu a sua incorporação ao material que estava sendo preparado para aplicação do projeto, intitulado “Filme-Haikai”, e é muito interessante observar como um único dispositivo revela toda a ideia da montagem e das combinações frescas que estamos analisando. Abaixo, citarei as regras deste dispositivo, tiradas do livro “Cadernos do Inventar – Cinema, Educação e Direitos Humanos”, em que Cezar Migliorin é um dos idealizadores.

““casca oca
a cigarra
cantou-se toda.” Matsuo Bashô

O que?
Realizar um filme em forma de haikai.

Por que?
O haikai é uma forma poética, originariamente japonesa, formada por 17 sílabas, que chega ao cinema através do cineasta russo Serguei Eisenstein (1898-1948). Eisenstein se apropria dessa montagem para refletir sobre a concisão do cinema e a sua possibilidade de exprimir conceitos e ideias através de uma alta “qualidade emocional”. (...)

Como?
1. Pesquisar a forma haikai em grupo ou individualmente, descobrindo seus autores e as diferentes formas de criação a partir dessa estrutura;
2. Escolher ou escrever um poema;
3. Produzir três planos, cada um associado a um verso/linha do haikai.
Os planos devem ser feitos sem som — de preferência fixos —, montados

em ordem, os quais não precisam ilustrar ou exemplificar o que diz o haikai, mas trabalhar com sensações.

4. Inserir uma cartela com o poema escrito na tela após o último plano. obs.: o mesmo exercício pode ser feito com fotografias. (adaptação de proposta sugerida pelo cineasta italiano Claudio Pazienza)” (MIGLIORIN, 2016, p. 46/47)

É reiterado pelo autor a noção de que a única finalidade da montagem deverá ser de abertura para o que ainda não foi apreendido. O mesmo revela o desafio de, ao entrar na escola, retirar da visão dos estudantes as ideias preconcebidas sobre a construção de um evento pela montagem, e que nas montagens através dos dispositivos, o poético e o real muito se misturam. O desafio, será o de recusar explicações sobre o que é a imagem, mas criar condições para que esta seja observada, refletida e montada.

Partindo da criação de imagens por jovens de escolas públicas, em situação de vulnerabilidade, o fazer cinema apresenta um potencial de permitir que estes se coloquem no mundo, a possibilidade de criação poderá romper com a barreira da própria linguagem, que em muitos casos, para estes, está impedida. A criação cinematográfica poderá ser contemplada unicamente pelas imagens produzidas, nos concentrando apenas nestas, mas desta forma, podem se isolar no campo artístico. É certo que há, por trás destas imagens e imbricada nelas, a riqueza do processo de realização, a experiência, o próprio ambiente educacional de onde surgiram e as potencialidades das trocas que as geraram.

“O cinema, assim como a educação, funciona devolvendo algo do sujeito ao mundo, inventando um receptor para essa devolução. Uma devolução que não é da coisa em si, mas da coisa atravessada por uma mediação estético-política. É nessa mediação que a montagem torna-se uma pedagogia.” (MILIORIN e PIPANO, 2019, p. 97).

Em *Cinema de Brincar*, os autores analisam a respeito da crítica dos filmes realizados em escolas, e seu espaço dentro do cinema mesmo, desta legitimação que geralmente ocorre através de “festivais, mostras, premiações, debates midiáticos, sucessos de bilheteria, editais e financiamentos públicos” (MILIORIN e PIPANO, 2019, p. 57). É válido ressaltar que este tipo de conteúdo audiovisual possui total relevância no contexto em que são realizados: na escola e na comunidade, mas há um desafio na busca por outros espaços, em especial, os filmes produzidos em escolas públicas, espaços tidos como precários, que revelam seu contexto e estética. A esta produção,

interessa não apenas o seu fim, mas também o processo emancipatório ocorrido aos indivíduos – professores e alunos, todos os meios que levaram à criação das imagens, e inclusive, os desafios de obtenção de ferramentas e de conceptualização destes. Com o cinema na escola, surge o desafio de compreendê-lo como algo ordinário, da criação com que é comum dos acontecimentos daquele espaço, e seu lugar como arte, através de suas potencialidades estéticas.

3 A SEMENTE PLANTADA PELO INVENTAR, FLORESCERÁ

Conforme mencionado no início deste trabalho, atualmente existem diversos projetos que atuam no campo do cinema e educação, e os esforços na comprovação da eficácia do fazer cinema em união aos estudantes como possibilidade pedagógica, se intensificam cada vez mais. Durante minhas duas vivências nos Encontros de Educação, seja em João Pessoa (PB), com o I Encontro da Rede Kino do Nordeste, ou na 17^o Mostra de Cinema de Ouro Preto (MG), e mediante a apresentação dos diversos projetos que atuam neste sentido, foi possível perceber a força deste movimento, que é extremamente conectivo, e se expande em suas conexões.

É possível verificar os desdobramentos do *Inventar com a Diferença*, e seu impacto na estruturação da relação entre cinema e educação através do fazer audiovisual, tendo a pedagogia dos dispositivos como base de implementação. Neste capítulo, apresentaremos a Escola Semente – Educação Audiovisual. Realizamos uma entrevista com Ana Bárbara Ramos, coordenadora do projeto. Conheci a Ana Bárbara em janeiro de 2020, durante o I Seminário de Educação, Cinema e Audiovisual da Paraíba, confirmando as potências conectivas desses encontros. Dois anos depois, através da entrevista realizada via zoom no dia 26 de julho de 2022, foi possível perceber com mais intensidade a possibilidade de reverberação do *Inventar com a Diferença*.

Em 2014, Ramos foi uma das mediadoras da implementação do programa *Inventar com a Diferença* em todo o país, movimento mencionado no segundo capítulo, mediando a realização deste na Paraíba. Ramos, que sempre atuou como documentarista e produtora cultural, compartilhou que não pensava na possibilidade de atuar com educação da maneira como hoje o faz. A mudança de perspectiva ocorreu quando conheceu a metodologia do *Inventar com a Diferença*, que se apresenta desta maneira diferenciada, propondo o cinema na escola a partir da experiência, e envolvendo também uma continuidade dos processos iniciados. Nesta direção, Ramos conta que conheceu o Felipe Barquete, hoje também coordenador da Escola Semente – Educação Audiovisual, com quem tinha ideias muito parecidas, e com o qual compartilhou pesquisas e investigações a respeito desta perspectiva ativa

como possibilidade de trabalhar com o cinema na escola, bem como o desejo de implementação destas práticas, quando surge o Semente Cinematográfica, nome inicial dado ao projeto. A proposta do *Inventar com a Diferença* envolvendo o cinema, a educação e os direitos humanos, bem como a utilização da pedagogia dos dispositivos, tendo o cinema como processo de criação junto à comunidade escolar, é a base do projeto apresentado.

“E assim a gente seguiu nesse fortalecimento. O trabalho com cinema, educação e direitos humanos é a base de início da Semente. Também nesse lugar, inicialmente trabalhando mais nessa perspectiva da arte-educação, do cinema como processo de criação e tudo mais. Só depois disso a gente começa a modificar, já no *Inventar 2* começamos a entender algumas diferenças e partimos para um aprofundamento nessa relação, com as necessidades das escolas.” (RAMOS, 2022, informação verbal)

É válido ressaltar, que o programa *Inventar com a Diferença* teve um segundo momento, iniciado em 2016, com o lançamento de um movimento colaborativo onde projetos interessados apresentavam propostas para se relacionar com a metodologia inicial. Desta forma, reinventando-se, propõe esse novo diálogo com a sua própria metodologia.

“Esse segundo momento ele é importante, porque é justamente nesse momento que a gente sai de uma metodologia já pronta, estruturada, que é esse *Inventar 1*, para um *Inventar 2* em que tem vários outros entes junto com a equipe do Kumã, pensando diversas formas de desenvolver o cinema e o audiovisual nas escolas. Nisso, surgem várias coisas diferentes.” (RAMOS, 2022, informação verbal)

Neste processo, o Semente Cinematográfica apresentou como proposta a Escola Experimental de Cinema, trabalho que desenvolveram na Escola Municipal José Albino Pimentel, no município do Conde, na Paraíba.

“O ponto comum é o trabalho que desenvolvemos na Escola José Albino Pimentel, que surge aí a Escola Experimental de Cinema, esse é um projeto que a gente apresenta para o *Inventar 2*, que é um projeto muito inspirado nos projetos do CINEAD, nas escolas públicas do Rio de Janeiro que o CINEAD implementou. Tinha esse lugar de, como é ser mediadora em um projeto mais estendido na escola, quais são os desafios.” (RAMOS, 2022, informação verbal)

Neste, foram realizados cursos de formação para os educadores, oficinas de criação cinematográfica para os estudantes e a estruturação do cineclube da escola, contemplando 200 estudantes, oito professores, e produzindo sete filmes

sobre os saberes e modos de vida da comunidade. Com o projeto da Escola Experimental de Cinema, há uma perspectiva de mediação estendida junto à escola, se relacionando em profundidade maior, e repensando a ocasionalidade da inserção de projetos culturais em ambientes escolares.

“A gente começou como projeto, enquanto projeto. Se você perceber, os projetos normalmente estão ligados às universidades, são projetos de extensão, então tem o suporte institucional que facilita oferecer esse tipo de ação, da forma como normalmente é apresentada, gratuita, com projetos de pesquisa. Não temos esse respaldo, não temos nenhuma instituição que nos resguarde nessa direção, então obviamente começamos a trabalhar nessa perspectiva de buscar editais, como normalmente se faz esse acesso aos projetos, a partir dos editais. E nisso, conseguimos fazer o que terminamos apresentando: ações de impacto, nessa perspectiva de envolver os estudantes, de envolver os professores, e sobretudo a escola.” (RAMOS, 2022, informação verbal).

Complementamos ainda, que em 2018 houve também a implementação da Escola Experimental de Cinema na Escola Municipal Lina Rodrigues do Nascimento, da comunidade quilombola do Gurugi-Ipiranga, também no Conde, Paraíba, um desdobramento das ações realizadas nas escolas da comunidade desde 2014, consolidando um núcleo de referência na área de cinema e educação com o apoio da Prefeitura Municipal de Conde.

Mesmo que haja o desenho do projeto e uma proposta de inserção previamente estabelecida e apresentada, percebe-se que com a entrada na escola, torna-se necessário uma abertura para que o projeto se ajuste às necessidades do local. Esta maleabilidade é de grande importância para uma melhor receptividade da comunidade, pois conforme descrito no decorrer deste trabalho, e confirmado pela experiência compartilhada por Ana Bárbara Ramos, a chegada do cinema na escola através de uma metodologia ativa, do fazer, poderá se potencializar grandemente pela abertura às propostas e necessidades de cada ambiente educacional com o qual se relacionar. Portanto, este chegará para potencializar o que já existe, de maneira a contribuir, e tornando sua presença mais significativa.

“Quando a gente se relaciona de uma profundidade maior com a escola, começa-se a perceber que os projetos chegam na escola, eles não surgem de dentro da escola, em um processo de colaboração mesmo, e isso é um dado importante para a gente pensar, é que nessa entrada na escola é muito interessante pensar de quem está levando pra escola, ter uma flexibilidade. A gente não pode chegar na escola – isso pode acontecer, mas eu não

acredito muito nessa proposta – de chegar na escola para catequizar, com um projeto que já está todo formatado e vai ser assim. Isso é complicado. Obviamente a gente chegou com um projeto desenhado, a gente apresentou uma proposta, temos que partir de algum lugar, mas quando a gente chega na escola as coisas vão se ajustando às necessidades do lugar. Então tem todo esse movimento, essa maleabilidade da coisa, uma flexibilidade.” (RAMOS, 2022, informação verbal).

A possibilidade do cinema na escola poderá se expandir através da colaboração, da criação com o coletivo, e através de uma perspectiva de horizontalidade entre os indivíduos. Sem perder a identidade do projeto, é necessário investigar e perceber as necessidades das partes envolvidas, seja dos mediadores enquanto sujeitos do audiovisual, dos professores, dos estudantes, da comunidade, toda a contextualização envolvida. Assim, será possível vivenciar a proposta de ensino-aprendizagem, confirmando a ideia de que o processo é pedagógico, mas também é criativo e coletivo. Ramos declara que a partir destas ideias, baseia-se a investigação do projeto Semente, neste momento.

“Começamos a perceber que o que estávamos propondo era muito bom, pois tem essa possibilidade da experiência na escola com a arte, no caso com o audiovisual, com o cinema, mas existem outras necessidades para além disso, como conciliar, como auxiliar, como colaborar nessa perspectiva, sem perder obviamente, a nossa identidade. Então, vai se alargando um campo de colaboração, pro que que a gente tem pra aprender na escola, com os professores nesse processo pedagógico e criativo, entendendo isso juntos.” (RAMOS, 2022, informação verbal).

A partir destas experiências, o Semente Cinematográfica desenhou então o projeto *Cartografia de imagens: filme-carta, formação e experimentação*, que levou para algumas cidades da Paraíba a ideia da Escola Experimental de Cinema.

“Depois da Escola Experimental de Cinema que se transformou em um projeto piloto nosso, que teve essa grandeza de encontros, em todos os aspectos, a gente desenhou um outro projeto, que foi o Cartografia de Imagens, então a partir desse projeto piloto, implementado no Quilombo do Gurugi-Ipiranga, a gente fez o Cartografia de Imagens.”

Já vivenciando uma trajetória anterior com a inscrição em editais como fonte de recursos para os projetos mencionados, desta vez, ganharam o recurso através do edital do Rumos Itaú Cultural³. Com este incentivo, foi possível realizar a

³ Programa Rumos, é realizado pelo Itaú Cultural desde 1997 para apoiar e fomentar a produção e a difusão de trabalhos de artistas, produtores e pesquisadores brasileiros.

implementação do projeto em quatro cidades do Estado da Paraíba, contemplando seis instituições de ensino. Para a escolha dos contemplados, foi divulgado um edital de convocação para instituições de educação que se interessassem pelo projeto, e houveram 33 inscritos.

“Foi maravilhoso, pois tivemos um panorama de ações, que não eram só escolas, eram ONGs, projetos, escolas do MST por exemplo. Tivemos uma abrangência que foi massa e pensamos: vamos fazer a escolha, mas fazemos um curso de formação antes, para que todos possam participar e conhecer a metodologia.” (RAMOS, 2022, informação verbal)

Portanto, mediante estes inscritos, e a necessidade de escolha, propuseram o curso de Formação e Iniciação à Pedagogia do Cinema, intitulado *Diálogos*, recebendo dois representantes de cada instituição que seriam os responsáveis pela replicação da metodologia da Escola Experimental de Cinema, que trata-se da: formação inicial dos professores, oficina com os estudantes, ateliê com as crianças, cineclube escolar, espaço físico com equipamentos e acervo. Cientes de que, após o *Diálogos*, quatro instituições seriam as escolhidas para a implementação das Escolas Vivas de Cinema, recebendo a infraestrutura do curso continuado.

A respeito da infraestrutura necessária ao pensar a produção através da linguagem cinematográfica, que se sabe, requer equipamentos para uma melhor realização, ainda que a pedagogia dos dispositivos apresente abertura à criação sem que haja a necessidade destes, e também pensando que todos os projetos reverberados pela Semente Cinematográfica atuaram em escolas públicas, coube o questionamento neste sentido, sobretudo quando avaliamos o sucateamento das escolas públicas do país. No caso dos projetos realizados pela Semente, conforme mencionado, houveram financiamentos através de editais para a aquisição de equipamentos. No entanto, de maneira geral, a ideia da implementação da metodologia ativa de criação com o audiovisual, requer que a ação seja continuada, ou seja, se for do interesse da comunidade, que os projetos possam se sustentar nas rotinas daquele espaço, desenvolvendo a autonomia dos projetos, e dos indivíduos que os reverberarão. Por mais que haja a proposta de projetos com períodos mais estendidos nas escolas, e o questionamento a respeito de ações muito pontuais, sabe-se que há um tempo de permanência na escola, e neste sentido, surge a necessidade de pensar nesta autonomia.

“Nunca pensamos que vamos ficar por toda vida, há um tempo de presença que se alarga para além do eventual, do pontual, mas também que possamos criar raízes ao ponto de: agora vamos embora, eles irão assumir tudo isto, e assim seguimos. Nessa perspectiva o projeto pensa nessa infraestrutura sim. Incluímos equipamentos, nesse caso uma ilha de edição, computador, câmera, um kit básico de produção audiovisual, tripé, gravador de som, computador e acervo. É importante apresentar essa infraestrutura, e pensar nesse processo de autonomia. E tinham os acordos, para que eles se apropriem dessa metodologia, desenvolvam, e façam acontecer.” (RAMOS, 2022, informação verbal)

Mencionamos também, o mapeamento e levantamento prévio dos equipamentos que as próprias escolas já possuem, adquiridos por programas que os fornecem, mas que, no entanto, muitas vezes ficam guardados, distorcendo uma possível relação de confiança entre os estudantes e as instituições de ensino, ou até mesmo pela falta de engajamento sobre como estes equipamentos podem ser utilizados de melhor maneira. Torna-se urgente compreender e estabelecer a confiança, a ideia do cuidado com o que é comunitário, que deve ser preservado. E isto se dará não apenas no discurso, e sim na experiência.

A partir do projeto *Cartografia de Imagens*, a Semente Cinematográfica pôde pensar a estrutura que possui hoje, como escola de Formação de Professores, e intitulada Escola Semente – Educação Audiovisual. Iam para as cidades, visitar, fazer apresentações, mas seguiam com as orientações de forma remota com os professores, realizando atendimento dos mediadores, supervisão pedagógica, e todo o acompanhamento necessário. Criaram uma comunidade de aprendizagem, divulgando calendários de formação, e rede de apoio, e assim, as pessoas que não foram selecionadas no projeto, podiam se integrar e participar. O Seminário de Cinema e Educação ocorrido na Paraíba, o qual mencionei ter participado, foi um evento de ação do projeto *Cartografia de Imagens*.

Figura 1 - Eu, em primeiro plano, no vídeo do evento.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=b4CTyYjwfgo>

Conforme mencionado, a metodologia do *Inventar com a Diferença*, bem como dos projetos desenvolvidos pela Escola Semente, trabalha por princípio com a formação dos professores para que tenham autonomia de reverberar as ações de maneira continuada. No caso da Semente, isto foi se ampliando cada vez mais, e com a pandemia, isto se consolidou de maneira definitiva. Nesta situação pandêmica, com o audiovisual em evidência, mediante as aulas remotas, houve a necessidade do questionamento de como tornar a experiência escolar mais interessante e convidativa, ao invés de apenas deslocar para o on-line as aulas expositivas. Novamente, a pedagogia dos dispositivos e da criação ativa com o audiovisual surge como possibilidade. Sem poder ir às escolas naquele momento, foram aprovados em um edital de financiamento de startups e conseguiram o incentivo para o desenvolvimento de uma plataforma e um aplicativo.

Com este incentivo, realizaram uma pesquisa com 300 professores, para compreender as necessidades da educação naquele momento do país, tendo o audiovisual como centralidade nos processos, a fim de compreender como poderiam auxiliar e consolidar um processo de formação como programa de apoio. Feito isto, foram oferecidas lives, encontros on-line, cursos e oficinas que formaram as Trilhas de Aprendizagens Híbridas, através dos temas coletados pelas pesquisas. Com mais de 1000 inscritos e totalmente gratuito, foi possível se aproximar e criar esta comunidade de aprendizagem.

Sem o fomento dos editais como suporte para oferta gratuita dos projetos por conta do momento pandêmico, à Semente, surgiu a necessidade de se ver e estruturar enquanto empresa. Com esta transição para a prestação de serviço, a Semente Cinematográfica se estruturou como empresa, conforme mencionado, tendo finalmente seu próprio CNPJ, e se consolidando como uma escola para professoras e professores, agora, Escola Semente – Educação Audiovisual, prestando seus serviços, mas ainda assim, de maneira justa para abranger seu público.

Com a apresentação desta rica trajetória envolvendo o cinema e a educação, foi possível obter o compartilhamento a respeito dos desafios apresentados nesta jornada, e perspectiva pessoal da importância da inserção de projetos educacionais envolvendo o audiovisual em escolas públicas. Ramos declarou:

“Talvez o primeiro desafio ocorra no processo do entendimento da própria escola, da coordenação pedagógica, dos professores, a respeito da importância de uma ação como essa. Primeiro apresentar pra eles, a entrada principal precisa ser esta, primeiro fazer uma negociação com a escola, apresentar quais são as possibilidades de uma ação como esta, a ampliação do repertório, já respondendo também sobre a importância.” (RAMOS, 2022, informação verbal)

Destaca-se a necessidade estabelecer uma relação de clareza, partindo do que será realizado nas escolas. E depois, criar uma relação com os estudantes, surge o desafio de como apresentar e conseguir se relacionar nesse lugar de horizontalidade, esclarecendo que realizarão em comunhão, como tudo será feito, e os acordos. A respeito da importância, refere-se em especial:

“O audiovisual na escola ele é um mediador de processos, ele é um mediador de processos de aprendizagem, mediador de processos relacionais, pois ele favorece um relacionamento mais próximo entre professor e estudante. Com o audiovisual, a gente modifica, não é mais aquele professor que está ali falando, de alguém que sabe para alguém que não sabe. O audiovisual começa a modificar mesmo as relações e aproximando, é um encontro, promove um encontro mesmo, vivemos dizendo isso, mas é real.” (RAMOS, 2022, informação verbal)

Reitera-se, com o audiovisual, é possível modificar as estruturas relacionais e educacionais, ele aproxima, promove um encontro horizontal, entre professor, estudante, família, comunidade. Expandem-se os modos de estar juntos, de habitar a escola, há um desejo de se fazer presente, reconhecendo o valor de todos os

envolvidos. Desenvolvendo também a criatividade, e claro, favorecendo a realização dos filmes. Abaixo, imagens de momentos produtivos durante as ações da Semente Cinematográfica.

Figura 2 – Foto Narrada, Turma Lucilene



Fonte: <https://semente.educacaoaudiovisual.com.br/fotos/>

Figura 3 – Atelier 1



Fonte: <https://semente.educacaoaudiovisual.com.br/fotos/>

Figura 4 – Em Produção



Fonte: <https://semente.educacaoaudiovisual.com.br/fotos/>

CONCLUSÃO

A relação dos indivíduos com o audiovisual, e com as telas de maneira geral, encontra-se cada vez mais estreita nos dias atuais, não apenas a produção e a democratização dos meios de se produzir, como a forma como consumimos e trocamos estes conteúdos. Vivemos em uma sociedade de muitas telas, os jovens encontram-se totalmente envolvidos com estas, e somos cada vez mais consumidores de imagens. Devemos então, propor a partir das imagens, mais que consumir imagens, propô-las. O fazer cinema em sala de aula, poderá se desdobrar em demais fazeres, como o fazer escola, fazer experiências e trocas, fazer arte, fazer novas percepções de mundos.

A experiência de criar com o cinema na escola é capaz de estimular a observação do entorno, a imaginação, e a concentração. Além disso, desperta a autonomia dos indivíduos que se encontram envolvidos com a criação, decidem por exemplo, onde, o quê e como querem gravar. Sabe-se que os jovens, quando estão verdadeiramente envolvidos com algo, o fazem genuinamente, e o cinema na escola trará a possibilidade da liberação e transformação do que é o espaço escolar e do papel dos estudantes neste território. O cinema apresenta-se como possibilidade de produção de mundo, coloca o estudante no lugar de criador, e os professores como facilitadores dos processos dos alunos. O fazer cinema na escola estimula o encontro com o outro, com o diferente, e também o encontro com a própria imagem, provocando reflexões a partir desta, e a partir das relações sociais e diferentes percepções, da mesma forma que se constitui o fluxo da vida.

Aos desafios apresentados na implementação de projetos envolvendo o cinema e a educação, revela-se a importante e fundamental participação e engajamento dos produtores, peça central para a eficiente aplicabilidade das ideias, que encontrarão resultado através do verdadeiro desejo de que o projeto de fato aconteça, orquestrando todo o processo de realização. Além disso, haverá também o necessário envolvimento dos professores como verdadeiros protagonistas deste processo, além do engajamento dos alunos e toda a comunidade escolar. Envolve-se também, o fomento do poder público e fontes de financiamento, para que os projetos de fato ocorram, e da melhor maneira.

De modo a concluir esta monografia, apresentaremos reflexões que merecem ser colocadas e reiteradas, uma vez que se trabalha com projetos pedagógicos: é necessário observar que, com o cinema na escola, não se deseja chegar a um fim, como geralmente ocorre com a grade comum, “com os dispositivos queríamos pensar em exercícios que nos livrassem da abstração pedagógica que pode ser resumida com essa frase: “É importante aprender isso porque lá na frente...”.” (MIGLIORIN, 2015, p.91). Outra questão, é a da disciplina, no sentido de controle. É necessário problematizar questões em torno capacidade que esta possui de “ajustar” os indivíduos de acordo com os modelos de poder. No Brasil, sabe-se que há uma relação de opostos entre disciplina e desrespeitosa desordem. Para as estruturas de poder seria “mais fácil” em um país como o Brasil que os alunos seguissem à risca as ordens disciplinares estabelecidas, no entanto, é sabido que não é desta forma que ocorre, e isto também é fruto das gerações vigentes, e do acesso às informações, e neste momento podemos verificar o quanto isto pode ser validado de maneira positiva. Sendo assim, torna-se necessário ser crítico quanto à questão da disciplina, e através de demandas pessoais e coletivas, abstrair-se da centralidade discursiva, e equilibrar processos que vão da distração ao foco, e da estagnação à construção do conhecimento. Outro ponto a ser mencionado, é o da mercantilização da educação, e a funcionalidade da escola, de maneira que os corpos que habitam o espaço escolar, o fazem em detrimento do que viverão no futuro, por ambições econômicas principalmente. Podemos observar o conceito de privatização em dois sentidos. O primeiro, é da privatização das escolas em si, onde as escolas privadas são modelos que de fato funcionam e deveriam ser seguidos, valorizando este mercado e desvalorizando o ensino público, e o segundo, são os ganhos obtidos pelos alunos que tem seu futuro investido por seus pais – ou quaisquer outros indivíduos – que investem financeiramente nos estudos destes, para que futuramente possam obter um retorno. No entanto, este retorno é sempre pessoal, e não do coletivo, portanto, privativo. Para Cezar Migliorin:

“Desde cedo está claro para a criança que o mundo do trabalho não perdoa, que ele deve ser atendido e que devemos nos curvar a ele, sob o risco do desastre pessoal: não educar os filhos nas melhores escolas. Se a escola pública de baixa qualidade serve mal à população, ela funciona bem como um poderoso modulador de processos subjetivos. Perto de cada casa há sempre uma escola precária e barulhenta nos avisando que é para lá que

nossos filhos irão caso fracassemos no mundo do trabalho. O fracasso da escola pública é feliz em garantir a pressão da concorrência entre indivíduos forjando um excelente laboratório para o mundo empresarial.” (MIGLIORIN, 2015, p. 104)

Verificamos o mercado como um agente modulador dos modos de vida, e que por mais que influencie diretamente na forma com que os sujeitos se relacionam e vivenciam o mundo, possui também maneiras subjetivas de modular e modificar a relação entre sujeito e mundo, através de conceitos como o emprego ou o desemprego, as próprias dívidas e a precarização. Ressalta-se uma falsa “neutralidade” do mercado frente à esta relação citada, e a tentativa de naturalização desses processos, que sabemos, estão grandemente organizados e estruturados em seus modos de modulação, para serem tratados como algo natural e “orgânico”.

Na escola, o mercado possui centralidade não apenas como um ambiente de trocas e criações, mas como uma preparação dos jovens para o mundo que virá, de maneira a lidar com estas subjetividades citadas anteriormente. Diante disto, pode-se observar um esvaziamento destas possibilidades de mundos que poderão surgir aos estudantes quando o mercado possui centralidade, uma vez que este, é apenas uma dessas possibilidades, e aos estudantes, através da educação, poderíamos imaginar uma grande multiplicidade de futuros possíveis. No livro “Cinema de Brincar”, este aspecto é relacionado com a proposta inicialmente apresentada por Paulo Freire:

“A escola passa a ser entendida dentro de uma cadeia funcional em que o mercado é o fim e a educação um meio economicamente justificável. A educação bancária, criticada por Paulo Freire, parece ter se intensificado nesse novo contexto: acumulam-se saberes hoje, para trocá-los por vantagens no universo competitivo de amanhã.”. (MILIORIN e PIPANO, 2019, p. 20)

É inegável a potência criadora do mercado, e ainda mais, a força moduladora deste em relação à criação em si, influenciando nos produtos que possuem valor, ou não. E aqui, diante do tema proposto, esta influência nos interessa em muito, através das criações audiovisuais dos estudantes nas escolas, e vale ressaltar que aos educadores, caberá encontrar formas de resistência, através da análise e disposição de alternativas a este mercado criativo. Será necessário pensar a educação em relação ao mercado, sabendo a respeito de sua importância e influência no mundo de vivências em que estamos inseridos, e não de maneira

submissa a este. Conforme relatado, é notável a forma como as estruturas de poder refletem na educação, e isto é algo que deve sempre ser observado e desnaturalizado, e por esta razão, o cunho político deve sempre estar presente nas ações. O fazer cinema na escola nos traz condições singulares, não apenas de realização, como também dos resultados obtidos, e encontra-se distante das produções midiáticas, dos grandes meios.

A realização cinematográfica nas escolas encontra sua grandeza não apenas nas particularidades do resultado final, mas em especial, no processo pedagógico de realização, objeto principal de análise desta monografia. Verificamos a possibilidade da implementação do cinema na escola através da perspectiva da criação e da realização, desenvolvendo assim a autonomia dos estudantes e estimulando a comunhão com o coletivo, bem como as formas horizontais de relação no ambiente escolar e a aproximação dos indivíduos envolvidos. Defendemos a necessidade do desenvolvimento de projetos culturais em escolas públicas, e a urgência em fazê-lo, de modo a estimular suas potencialidades criativas e conectivas, características latentes nos jovens. A estes, será possível inventar suas realidades e modos de vida, inventar com as diferenças entre os que se relacionam, e a partir disso, confiar nos novos futuros que são possíveis de se desenvolver através da experimentação com a arte e com a educação. A partir da apresentação da pedagogia dos dispositivos, proposta pelo Inventar com a Diferença, e da Escola Semente – Educação Audiovisual, foi possível confirmar e verificar dois pontos defendidos neste estudo. O primeiro, é a possibilidade de utilização dos dispositivos como método de implementação do audiovisual nas escolas, e o segundo, a potencialidade de projetos culturais que investem esforços na implementação do audiovisual como ferramenta de criação junto à comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

BARQUETE, Felipe; PIPANO, Isaac; RAMOS, Ana. *A pedagogia dos dispositivos: um método para a Educação Audiovisual. Escola Semente – Educação Audiovisual*, 2021. Disponível em: <https://semente.educacaoaudiovisual.com.br/2021/05/06/a-pedagogia-do-dispositivo-um-metodo-para-a-educacao-audiovisual/>. Acesso em: 20/06/2022.

CAMINHA, Iraquitan; AQUINO, Mirian. *Cantoria de Pardais: educação, cultura e informação*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2003.

DUARTE, Rosália. *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1968 [2014] última edição.

MIGLIORIN, Cezar. *Cadernos do Inventar: cinema, educação e direitos humanos*. Niterói: EDG, 2016.

MIGLIORIN, Cezar. *Inevitavelmente Cinema: educação, política e mafuá*. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

MIGLIORIN, Cezar; PIPANO, Isaac. *Cinema de Brincar*. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

MIGLIORIN, Cezar; RESENDE, Douglas. *Escola Experimental de Cinema em Conde, Paraíba. Inventar com a Diferença*. Disponível em: <https://www.inventarcomadiferenca.com.br/pedagogia/escola-experimental-de-cinema-em-conde-paraiba/>. Acesso em: 26/06/2022.